

Considerações sobre o mito de Ulisses

Vera Lúcia Cardoso Medeiros*

Resumo

Este artigo analisa o canto IX da obra *Odisséia*, de Homero, e interpreta Ulisses como matriz do homem ocidental, seguindo leitura realizada por Piero Boitani em *A sombra de Ulisses*.

Palavras-chave: Ulisses. Homero. Matriz. Homem ocidental. *Odisséia*. *A sombra de Ulisses*

Odisséia é um dos poemas épicos compostos na Grécia no período arcaico, compreendido entre os séculos VIII e V a.C. e cuja autoria é atribuída a Homero. A narrativa toma como fundamento histórico a Guerra de Tróia, que se passou por volta de 1180 a.C., e as peripécias vividas por Odisseu, ou Ulisses, ao regressar de Tróia a Ítaca, sua terra de origem.

Mais do que modelo de herói épico, Ulisses, lido de uma perspectiva contemporânea, pode figurar como “discurso da civilização ocidental” e “imagem europeia do homem” (BOITANI, 2005, p. XIV). Essa é a perspectiva pela qual o personagem mítico e literário será focalizado no presente artigo, que se debruça sobre o célebre canto IX, quando o grego astuto chega à terra dos ciclopes e encontra Polifemo, para tentar compreender os significados que Ulisses ainda preserva neste começo de século XXI.

No canto IX, Ulisses assume a narração e, após ouvir o aedo rememorar o célebre episódio do cavalo de Tróia e seus feitos na guerra, dirige-se ao rei Alcínoo, seu anfitrião, para contar sua história. As palavras iniciais que então profere referem seu nome, sua ascendência, fama e astúcia: “Sou Odisseu, filho de Laertes, o mundo inteiro me conhece, graças a minhas astúcias, e minha fama chega aos céus”. (HOMERO, 2002, p. 101). Nomear-se e indicar a filiação dão a Ulisses identidade e singularidade, traços que conduzem à leitura que o torna “imagem europeia do homem” e prenúncio da civilização ocidental. A frase “Sou Odisseu, filho de Laertes” será bradada pelo herói em inúmeras ocasiões, como se ele não pudesse e não quisesse esquecer o passado e suas marcas. No mesmo capítulo, depois de cegar Polifemo, o célebre guerreiro faz questão de identificar-se: “Ciclope, quando algum dentre os homens mortais te interrogar sobre a vergonhosa cegueira do olho, dize-lhe que foi Odisseu, filho de Laertes, morador em Ítaca” (HOMERO, 2002, p. 111).

Ulisses tem pleno domínio da linguagem, o que faz dele, segundo

* Professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutora em Letras pela UFRGS.
E-mail: veramedeiros@portoweb.com.br

Piero Boitani, em *A sombra de Ulisses*, "... mestre de *retórica*, da linguagem usada como meio de sobrevivência, e com finalidade política, para fins de persuasão, engano, ilusão, apropriação e domínio..." (BOITANI, 2005, p. XVI). É com palavras astutas que ele engana o gigante Polifemo; são "palavras de acoroçoamento" que emprega para estimular seus homens a ferirem o filho de Poseidon.

Ao lado da linguagem, o domínio da razão faz de Ulisses um grande herói, que observa, planeja, trama, ao contrário dos seus homens, que se deixam levar por forças instintivas que lhes são, em muitos momentos, fatais. Na narração que faz a Alcínoo, o rei de Ítaca evoca sua capacidade de agir racionalmente e avaliar as situações que enfrenta, como fica evidente no próximo trecho:

Planejei, em meu altivo coração, aproximar-me, puxar de junto da coxa o gládio aguçado e golpeá-lo no peito, onde as membranas firmam o fígado, tateando o lugar com a mão. Outra idéia, porém, me conteve [...] O Ciclope, assobiando fortemente, guiou o nédio rebanho para a montanha, enquanto eu ali fiquei maquinando maus planos em meu íntimo, na esperança de tomar vingança se Atena me desse essa glória. A meu coração o seguinte plano pareceu o melhor... (HOMERO, 2002, p. 107)

Chama atenção no excerto acima que Ulisses traça seu plano, pondera, revê atitudes, e todo esse modo de proceder acentua as diferenças notáveis tanto entre ele e o gigante quanto em relação a muitos dos homens que o acompanham.

Através da razão, entretanto, Ulisses é levado a simular e blefar, como acontece ao informar a Polifemo que seu nome é *Ninguém*, impedindo-o assim de ser ajudado por seus irmãos quando, no interior da caverna, é ferido pelos humanos lá aprisionados. É por dissimular que Ulisses atesta a fidelidade da mulher, quando enfim regressa ao lar. Novamente vemos no herói de Homero um prenúncio dos usos da razão no Ocidente.

A capacidade que Ulisses tem de resistir ao sofrimento, que se associa a sua racionalidade, assegura sua modernidade. Em "As Odisséias na Odisséia", Ítalo Calvino afirma: "Se tradicionalmente o herói épico era um paradigma de virtudes aristocráticas e militares, Ulisses é tudo isso e ainda mais, é o homem que suporta as experiências mais duras, as fadigas, a dor e a solidão" (CALVINO, 1993, p. 23). Por meio da dor, Ulisses supera a si mesmo e aos demais e atinge o conhecimento de si mesmo e do mundo, o que resulta em afirmação das potencialidades humanas.

Elemento interessante de ser observado nesta reflexão sobre a atualidade do mito de Ulisses diz respeito à forma como ele lida com o desconhecido. E aí, longe da pátria e do grupo familiar, que ele pode demonstrar coragem, habilidade, astúcia e construir-se como herói que atravessa os séculos. Contudo, o desconhecido não apaga da memória de

Ulisses os encantos da pátria e dos que lá ficaram. Diante do diferente e do outro, ele revela-se intolerante. Assim ocorre ao chegar à terra dos lotófagos e à dos ciclopes. No longo trecho em que se refere a Polifemo, percebe-se crítica e repulsa ao modo como este vive, solitário entre as montanhas, desprovido de grandes ambições.

Era a morada de um homem monstruoso, que apascentava rebanhos, isolado e distante, sem comércio com os outros; vivia arredado, sem rei nem roque; tinha por sinal a constituição de um monstro enorme; não tinha a aparência de homem que come pão, mas a de um selvoso pico de alta montanha, que se avista apartado dos outros. (HOMERO, 2002, p. 104-105)

Como o ser com que se deparou não possuía feições familiares, uma vez que “não tinha a aparência de homem que come pão”, Ulisses o associa ao selvagem. A forma como a terra dos ciclopes é descrita toma como parâmetro exclusivo a experiência do herói e deixa entrever o espírito empreendedor não apenas do personagem, mas do povo que ele representa, o que ratifica sua condição de matriz do homem ocidental, desbravador e conquistador. Vejamos a descrição do “país dos arrogantes e iníquos Ciclopes”:

Confiantes nos deuses imortais, eles não plantam com suas mãos uma planta, nem aram; tudo nasce sem sementeira nem aração – trigo, cevada, vinhas que produzem vinho com suas grossas bagas – e as chuvas de Zeus tudo fazem crescer. Não têm praças de assembléias, nem leis estabelecidas; moram na crista de altas montanhas, no seio de cavernas, e cada qual dita leis aos filhos e esposas, sem se preocuparem uns com os outros. (...) Não possuem os Ciclopes naus de rostros vermelhos, nem vivem ali carpinteiros navais, que fabriquem barcos bem providos de bancos, para lhes irem buscar todas as utilidades, aportando a cidades de outros povos, como é freqüente homens cruzarem o mar em navios, visitando-os uns aos outros; poderiam tornar a ilha um belo povoado. Ela, com efeito, não é ruim; é capaz de produzir de tudo... (HOMERO, 2002, p. 103-104)

O longo trecho antes transcrito permite ver, na narração que Ulisses faz do encontro com a terra desconhecida, o prenúncio dos relatos de viajantes modernos diante das terras e dos povos descobertos nos seguidos processos de expansão por que passa a humanidade. A tendência a destituir de valor e tratar como selvagens e primitivos aqueles que adotam modos de organização política, econômica e social distintos faz de Ulisses precursor de tantos outros povos conquistadores, como portugueses, ingleses, espanhóis, franceses, norte-americanos, entre outros, que viram – e ainda vêem – como ameaça aquilo que lhes é desconhecido.

Ulisses, então, como até aqui se tem tentado demonstrar, surge ao leitor contemporâneo como paradigma do homem ocidental, o que significa afirmar que muito das condutas que o tornaram herói no mundo

antigo atualmente são interpretadas de modo mais crítico. Em poema do livro Mensagem que tem o título de “Ulisses”, Fernando Pessoa compõe o célebre verso “O mito é o nada que é tudo”. Aí tem-se uma síntese do olhar que a contemporaneidade pode dirigir ao astuto rei da Ítaca que se conhece pelo canto de Homero. O mito é nada porque é criação, invenção; é tudo porque, mesmo como invenção, é capaz de fundamentar verdades. Pessoa capta a ambigüidade através da qual Ulisses é o modelo de um sujeito que se esfaca ao longo do século XX. Desde então, quem é capaz de dizer com tanta determinação seu nome e sua ascendência? Quem ainda crê que a observação e a razão conduzirão ao plano perfeito? Quem acredita que dor e solidão geram conhecimento e que esse é necessário? Ainda que não sejamos capazes de responder com negativas às questões propostas, falta-nos a convicção de Ulisses, personagem de uma época em que havia a crença nos deuses e nos homens.

A confiança no homem e em suas potencialidades sofreu importantes abalos no vasto período que nos separa da Antigüidade clássica, o que fica sugerido em poemas que retomam o personagem Ulisses e que foram compilados por Piero Boitani em seu estudo já referido. O poema “A última viagem de Ulisses”, do italiano Arturo Graf (1848-1913) flagra o guerreiro quatro anos depois de seu retorno “à cara Ítaca” a narrar suas peripécias a “proyectos companheiros de fortuna/assentes à lareira e à tábua única”. Ulisses rememora seus feitos na “atroz cova de Polifemo” e “a maga voz das dolosas sereias”; conta “coisas que tinham sido, águas passadas” em uma cena estancada no tempo:

pálidos de ânsia, com imóveis cílios
como crianças à vista de prodígios,
novas versões da loucura revelha
bebiam, onda a golfar de sua fabela,
os bravos a que o rei embevecia,
e eles à roda; amiúde os surpreendia
nessa postura o renascer do dia.
(BOITANI, 2005, p. 215)

O Ulisses de Arturo Graf goza de “sofrido repouso”, está longe do mar e do cenário de suas aventuras; diante de si, em lugar de inimigos e seres desconhecidos, uma platéia de bravos que escutam perplexos como crianças as lembranças – novas versões – de tempos e feitos longínquos. O tempo não é de bravuras; é de lembrar, contar e ouvir.

Em outra versão, “O encontro de Ulisses”, de G. D’Annunzio (1863-1938), Ulisses mal ouve os homens com que cruza no mar. São jovens admiradores que o reconhecem como rei, mas ele “Sequer dignou-se a voltar a cabeça/encanecida”. Então o eu lírico interpela-o, pedindo que o aceite como um dos seus, como se lê nos próximos versos:

ouve-me, Rei das Procelas,
entre eles sou o mais forte!
Põe-me à prova. Se distendo
o arco teu grande
como um teu par, toma-me
contigo. Se não o estendo, nu,
transfixa-me à tua proa.
(BOITANI, 2005, p. 217)

Em resposta, Ulisses lança ao jovem um olhar que o fere e afasta-se, deixando os outros unidos e silentes. Percebe-se aqui evidente incomunicabilidade entre o lendário herói e os jovens que querem seguir-lhe o destino, como se já não fosse mais possível cruzar os mares como Ulisses ou tomá-lo como modelo.

Tennyson (1809-1892) cria um Ulisses sabedor de que “É de pouco proveito um rei ocioso,/ junto à fria lareira, entre fráguas áridas,/Cônjuge de uma rainha entrada em anos” e que sua glória não é mais de todos conhecida: “Leis desiguais ditando a grei selvagem,/Que amealha e come e dorme e desconhece-me”. Ele, porém, é ainda ávido de aventuras: “Não posso descansar da viagem: quero/ Beber a vida até a borra...” Como na versão homérica, o personagem de Tennyson estimula os companheiros de viagem – “Caros! Não é tão tarde para a busca/ De um mundo mais novo...”, embora, no limiar do século XX, Ulisses entenda que a força de outrora já não é a mesma:

Muito se nos tomou, muito perdura.
Não somos a impulsão que outrora a terra
E o céu movia, a que fomos, já fomos –
Têmpera igual de corações heróicos,
Frágeis por sina e tempo, fortes no ânimo.
De perseguir e achar, jamais cedendo.
(BOITANI, 2005, p. 226)

Aqui fica nítida a cisão entre o mundo de Ulisses e o outro, o do presente. O ânimo de ir, perseguir e achar não se altera; a mudança está no que cerca esse Ulisses, lúcido ao reconhecer o que perdeu e o que ganhou e ao assumir tanto seu heroísmo quanto sua fragilidade.

A passagem entre o velho Ulisses e o moderno estaria sedimentada, ainda seguindo a leitura de Boitani, no Leopold Bloom de James Joyce (1882-1941):

No começo do Novecentos, Leopold Bloom reencarna o Ulisses do passado e prefigura os Ulisses do futuro, sonha uma viagem no real e além da realidade, rumo – existencial e culturalmente – às suas e nossas raízes, dirigindo-se, ontologicamente, para o nada (a morte) e a plenitude (as estrelas, a regeneração, o regresso). (BOITANI, 2005, p. 174)

Do Ulisses de Homero até o de Joyce percebe-se um caminho de modificações que espelham os muitos modos como o ser humano tem sido visto e representado ao longo dos séculos. Contudo, em muitos momentos de nossa complexa vida contemporânea, revivemos a cena do poema de D'Annunzio e suplicamos a companhia do herói que apenas lança seu olhar fulminante e segue em frente. Mas não será desse modo, obrigados a superar a dor e a solidão, que estaremos perpetuamente atualizando o mito de Ulisses?

Recebido em novembro de 2007.

Aprovado em novembro de 2007.

Title: Considerations about the Myth of Ulysses

Abstract

This article analyzes book IX of *The Odyssey*, by Homer and interprets Ulysses as matrix of the western man, following the reading by Piero Boitani in *The Shadow of Ulysses*.

Key words: Ulysses. Homer. Matrix. Western man. *Odyssey*. *The Shadow of Ulysses*.

Referências

BOITANI, Piero. *A sombra de Ulisses*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CALVINO, Ítalo. As Odisséias na Odisséia. In: _____. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 2002.